

**“O HOMEM PODE TUDO”... “A MULHER É UM SEXO INFERIOR!”...:
DISCUTINDO SEXISMO, MACHISMO E VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NA
FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA**

Roney Polato de Castro – polatojf@yahoo.com.br

Faculdade de Educação – Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

O trabalho parte dos dados construídos em uma pesquisa de doutorado cujo foco esteve nos atravessamentos de experiências na formação em Pedagogia a partir de uma disciplina que discute relações de gênero e sexualidades. Neste trabalho são apresentados alguns dos modos como as discussões sobre as relações de gênero atravessam a disciplina, problematizando as narrativas escritas pelas estudantes em seus diários de bordo acerca de temáticas relacionadas ao sexismo, ao machismo e à violência contra a mulher. As escritas, produzidas a partir das aulas, narram os sentidos construídos pelas estudantes a partir do debate envolvendo imagens, frases, piadas e vídeos que trazem situações de preconceito e violência contra a mulher. O referencial de análise dialoga com os estudos contemporâneos de gênero, a partir de uma perspectiva construcionista. Pretende-se argumentar que a formação em Pedagogia pode se constituir em experiência de produção de docentes sensíveis e atentas às relações de gênero e sexualidades, tomando as disciplinas que discutem essas temáticas como espaços ético-estético-políticos de constituição de sujeitos.

Palavras-chave: Relações de Gênero; Preconceitos; Formação Docente; Pedagogia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi produzido a partir das discussões de uma tese de doutorado (CASTRO, 2014) que abordou os atravessamentos de experiências na formação docente em Pedagogia para as temáticas de relações de gênero e sexualidades em uma disciplina intitulada “Tópicos Especiais: Gênero, Sexualidade e Educação” (TEGSE). A disciplina apresenta discussões introdutórias dessas temáticas, a partir

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:



PlayBook



da perspectiva de estudos de gênero, sexualidades e educação que dialogam com as perspectivas pós-estruturalistas e foucaultianas. A referida disciplina tem como um de seus dispositivos principais a produção, pelas estudantes, de “diários de bordo”. No campo das pesquisas e práticas educacionais, os diários de bordo vêm sendo utilizados com distintas denominações, formatos e objetivos. Na disciplina TEGSE ele é pensado como elemento de formação a partir de uma *escritaexperiência* que narra processos de subjetivação e dessubjetivação (FOUCAULT, 2009) experienciados pelas estudantes com/a partir das aulas. Uma escrita que não fica aprisionada na descrição das aulas, tampouco se limita a registrar o que foi pensado, mas que, ao se produzir, produz pensamento, reverberando as problematizações da disciplina para outros tempos e espaços do cotidiano. Os diários se constituíram como principal elemento das análises da pesquisa que gerou a tese. Neste artigo busco apresentar um recorte dessas análises, a partir de narrativas das estudantes construídas a partir das discussões relativas aos preconceitos, discriminações e violências de gênero.

As aulas apresentam um novo vocabulário para as estudantes, ou seja, novos termos que passam a circular no cotidiano: sexismo, machismo, misoginia... Porém, não se trata somente de acrescentar novas palavras ao repertório das estudantes, trata-se de fazer uso desses termos como ferramentas de análise para pensar as relações sociais de poder. Portanto, o objetivo não é que as estudantes simplesmente incorporem esse vocabulário, mas que esses termos funcionem nas aulas como ferramentas de problematização da realidade que se apresenta para cada uma delas. Ao discutir relações de gênero e sexualidades considero politicamente importante remeter às dinâmicas de subjugação que atravessam as relações sociais e que têm como arsenal os preconceitos e as práticas discriminatórias pautadas em representações culturais que reforçam a oposição e as hierarquias entre os termos masculino/feminino, heterossexual/homossexual. Particularmente, ao discutir de que modos essas dinâmicas atravessam os posicionamentos de gêneros, parto do pressuposto e da constatação de que se tratam de estudantes autoidentificadas como sendo ‘mulheres’, mesmo que essa

Realização:



Apoio:



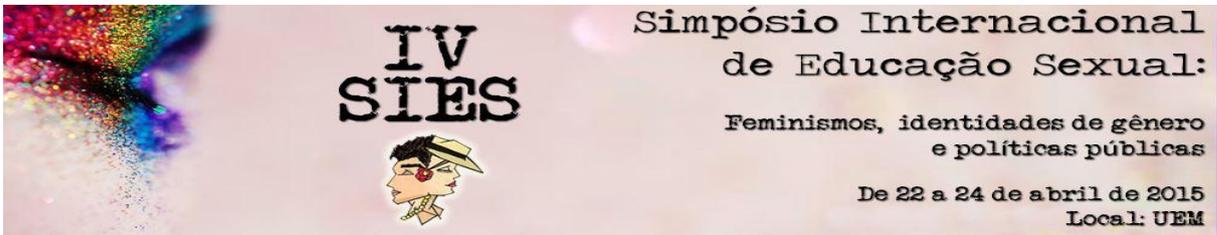
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



categoria seja muito mais plural do que aparenta o termo, já que é atravessada por uma série de outros marcadores socioculturais de raça, etnia, condição socioeconômica e geográfica, geração, entre outros.

O primeiro elemento dessa discussão nas aulas é a experiência das estudantes, ou seja, posicionando-se como ‘mulheres’, que vivências elas têm em relação ao sexismo, ao machismo e à misoginia, em uma sociedade que pauta suas relações e sua organização no sistema binário cissexista de gênero masculino-superior/feminino-inferior. Interessante ressaltar que não é imediato que as estudantes identifiquem, em seu cotidiano, situações sexistas, machistas e misóginas, assim como há disputas no âmbito sociocultural mais amplo no que se refere a compreender certas piadas, propagandas e atitudes como associadas a esses valores (MIGUEL, 2013). Entra em ação o ‘arsenal’ da disciplina, constituído por vídeos, imagens, charges, frases, textos e discussões que acabam por funcionar como elementos que ligam essas realidades: a sala de aula e o cotidiano.

PENSANDO COM AS NARRATIVAS

“O tema discriminação ele está presente em nosso cotidiano. Eu, por exemplo, já cansei de ouvir: “mulher no volante perigo constante”; “mulher adora terapia...ter a pia suja”; “mulher nasceu para ser dona de casa, cuidar dos filhos e do marido”. Quem já não ouviu essas coisas antes? Sempre me irritava quando alguns dos meus primos falavam isso pra mim e para minha prima. Não concordo com nada disso, quantos homens no volante que são um perigo constante? Por que o homem não pode cuidar da casa, dos filhos e da esposa? Vemos hoje um grande preconceito com o gênero feminino quando o assunto é mercado de trabalho, hoje muitas mulheres vem assumindo um espaço que antigamente era composto apenas por homens, um exemplo disso é o caso de termos mulheres trabalhando na construção civil. Qual o problema de termos mulheres trabalhando nesse tipo de ambiente? Podemos não ter a mesma força física que muitos homens, mas nem por isso somos menos capazes” (Adriana – 1º/2012¹).

¹ As narrativas das estudantes estarão transcritas entre aspas e em itálico. A referência após a transcrição refere-se ao pseudônimo e semestre em que a disciplina foi cursada.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



As situações de sexismo estão presentes nas vivências das estudantes como atos performativos de gênero que investem na manutenção da norma heteronormativa/masculina por meio da delimitação das exceções, ou seja, marcando o lugar subalterno de sujeitos femininos (e também de sujeitos masculinos que se afastam do padrão). Desse modo mantém, reforça, amplia, performativamente, a norma. “*Mulher no volante, perigo constante*”, “*Mulher adora terapia...ter a pia suja*”, “*Mulher nasceu para ser dona de casa, cuidar dos filhos e do marido*” são enunciados que vão além de representar o lugar de homens e mulheres na sociedade. Eles, efetivamente, produzem os lugares sociais aos quais se referem, contribuindo para a manutenção das práticas que discriminam e inferiorizam. Para fazer isso, tais enunciados acabam essencializando certas características corporais, comportamentos, afazeres e funções profissionais como sendo naturalmente adequados a sujeitos masculinos ou femininos. Como argumenta Louro (2007), as diferenças entre os gêneros, em princípio relacionadas à biologia, vêm servindo para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. “Teorias foram construídas e utilizadas para ‘provar’ distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os lugares sociais, as possibilidades e os destinos ‘próprios’ de cada gênero.” (p. 45).

Dirigir seria uma habilidade eminentemente masculina, em uma sociedade que apregoa o ambiente público como espaço privilegiado dos homens. Cuidar da casa, dos filhos e filhas e do marido seriam habilidades naturais da mulher, para as quais ela possuiria a ‘competência necessária’. Trabalhar na construção civil seria uma função profissional masculina, pois envolve força física e, sob a égide do discurso biológico, tal característica está presente majoritariamente nos homens.

“Essas questões de gênero e sexualidade estão muito presentes em todo lugar! Me incomodei profundamente com uma frase no Facebook: “Mulheres são como bonecas: podem ser usadas, trocadas, deixadas num canto qualquer... Mas, lembre-se, homens de verdade não brincam com bonecas.” Essa frase me incomodou em dois sentidos: 1º - Dizer que mulheres podem ser usadas,

Realização:



Apoio:



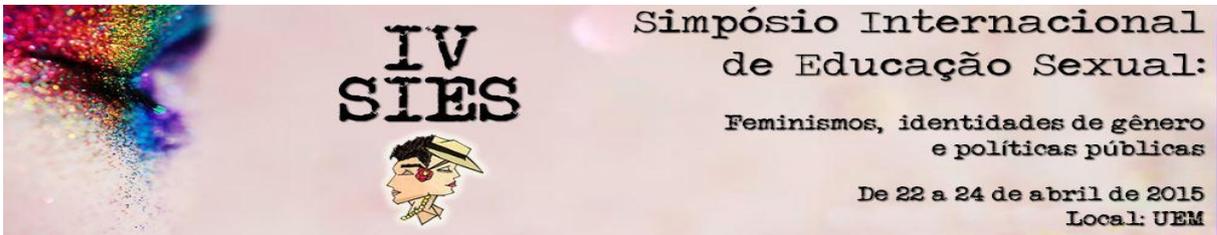
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



trocadas e jogadas num canto! Não preciso nem dizer minha indignação enquanto mulher diante de tais afirmações. 2º - A tentativa de tornar a frase menos preconceituosa vem, no meu ponto de vista, reforçar ainda mais o machismo. O que mais me entristeceu foi ver várias mulheres curtindo e compartilhando...” (Leila – 1º/2012).

Diversas instâncias do social constituem-se como elementos a serem problematizados, entendendo que essas instâncias produzem, veiculam e exercem pedagogias de gênero. Ensina-se o que é ser mulher, o que é ser homem, ensina-se a viver essas posições de sujeito, ensina-se que existem muitas possibilidades de vivê-las e que isso frequentemente é um processo conflituoso, que exige negociação, uma vez que “os homens e as mulheres reais não cumprem sempre, nem cumprem literalmente, os termos das prescrições de sua sociedade ou de nossas categorias analíticas” (SCOTT, 1995, p. 88).

Com a disciplina TEGSE as estudantes se deparam com o sexismo, o machismo e a misoginia em seu cotidiano, nas relações sociais, nos artefatos culturais, nas redes sociais, como demonstra Leila. Porém, nem sempre esses preconceitos são problematizados, frequentemente nem são vistos como questões a discutir. Isso se expressa no incômodo de Leila: “O que mais me entristeceu foi ver várias mulheres curtindo e compartilhando”. A disciplina parece fornecer ‘lentes’ com as quais as estudantes passam a olhar para o cotidiano de outros modos, vendo coisas antes ‘invisíveis’, fato que às vezes incomoda, angustia. Em outra narrativa podemos acompanhar esse processo de questionamento das pedagogias de gênero que reforçam o preconceito:

“Há muito tempo venho reparando como a mídia e a música tem caracterizado a mulher como objeto sexual. E o mais impressionante é que esse estereótipo está cada vez mais sendo inserido na sociedade. Para mim isso é algo inaceitável, quantas mulheres morreram por lutar pelos nossos direitos femininos e por estarmos no século XXI, que é dito como pós-moderno, as mulheres continuam sendo vistas de forma desrespeitosa? Vivemos numa sociedade machista, mas o que está acontecendo com as mulheres? Elas mesmas ajudam a perpetuar esse machismo. [...] Os cliques de rap americano são nojentos, eles tratam as mulheres como brinquedo, algo que só serve para fazer sexo. As letras deixam bem claro essa

Realização:



Apoio:



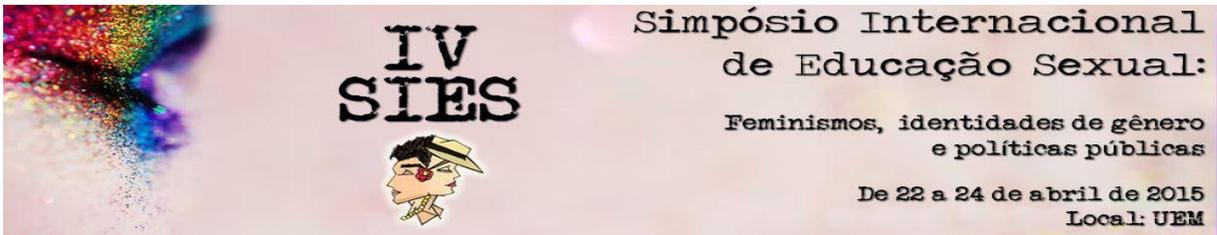
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



concepção e também é assim com o funk brasileiro. As propagandas de cerveja então, nem precisam ser comentadas não é? Como mulher me sinto ofendida quando vejo essas mulheres deixando que continuem com essa imagem que desqualifica a mulher. Pouco a pouco nós mulheres temos conseguido mostrar que não somos objeto. Um exemplo disso é termos uma presidente da república que é mulher. [...] Nós mulheres temos muito que lutar para sermos respeitadas, mas se não nos unirmos, deixando que nos menosprezem, a luta será maior ainda” (Catarina – 2º/2011).

Os discursos veiculados pelas mídias acionam poderosos efeitos de verdade, contribuindo significativamente para a constituição de subjetividades ao produzir e veicular saberes sobre o mundo, a sociedade e as pessoas, instaurando gostos, preferências, desejos, enfim, experiências vinculadas aos gêneros e sexualidades. As mídias vêm ocupando um lugar importante nas nossas vidas, em especial algumas formas como a televisão, presente em grande parte dos lares, vem funcionando para o entretenimento, mas também como potente espaço educativo (FELIPE, 2006). Vivemos mergulhados/as em conselhos e ordens advindos de inúmeras instâncias e artefatos, como as letras de músicas e clipes musicais, a publicidade, a Internet, as revistas entre outros, que têm o poder de inscrever em nossos corpos as marcas e normas a serem seguidas, um processo minucioso, sutil e sempre inacabado. “As proposições e os contornos delineados por essas múltiplas instâncias nem sempre são coerentes ou igualmente autorizados, mas estão, inegavelmente, espalhados por toda a parte e acabam por constituir-se como potentes pedagogias culturais” (LOURO, 2008, p. 18).

Que imagens de mulheres e homens são produzidas e veiculadas nessas instâncias? Que relações sociais elas visibilizam? Catarina denuncia a relação desses artefatos com a manutenção do machismo, que transforma a mulher e seu corpo em ‘objetos sexuais’ a serviço dos homens. Posicionando-se desse modo, a estudante narra seu incômodo em constatar a imagem da mulher associada a um ‘brinquedo’, algo que também está presente na escrita de Leila, quando relata que as mulheres podem ser ‘usadas’ e ‘largadas’ como uma boneca. Considero relevante destacar o modo como Catarina se posiciona, aproximando-se também do

Realização:



Apoio:



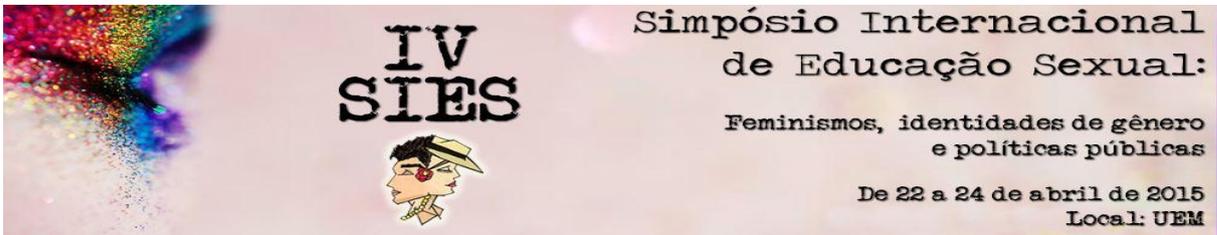
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



incômodo em relação às 'mulheres': "... o que está acontecendo com as mulheres? Elas mesmas ajudam a perpetuar esse machismo."; "Como mulher me sinto ofendida quando vejo essas mulheres deixando que continuem com essa imagem que desqualifica a mulher. Pouco a pouco nós mulheres temos conseguido mostrar que não somos objeto.". Duas questões a pensar com a narrativa da estudante.

Primeiro, o sentido unificado e o apelo a uma ideia de 'mulher' que homogeneiza as experiências de sujeitos constituídos nessa categoria. Precisamos problematizar a compreensão do 'ser mulher' como uma categoria que tem um apelo mais amplo, acionando características que seriam atribuídas a 'todas' as mulheres. Em especial, existe a tendência em associar características e processos biológicos que seriam 'comuns' – como ter vagina, útero, seios, menstruar e engravidar – e características 'essencializadas', como ser emotiva, calma, delicada, vaidosa. Esses significados do 'ser mulher' tendem a se pluralizar na contemporaneidade, de maneira a considerar as contingências históricas, culturais, étnicas, raciais, de condição social, regionais, entre tantas outras. Pluralizando-se os significados do 'ser mulher', considerando o gênero como relacional, o 'ser homem' também se pluraliza. Por exemplo, a questão das características biológicas, uma diversidade de posições de sujeito e de condições identitárias vêm se colocando na cena social e desafiando o dimorfismo cissexista pautado na ideia de que o feminino deve habitar corpos de 'mulheres' e o masculino deve habitar corpos de 'homens': transexualidades, travestilidades, transgeneridades são expressões dos gêneros que 'quebram' a causalidade sexo/gênero/desejo e desnudam os limites de um sistema binário pautado no esquema 'corpo-homem' e 'corpo-mulher'. Por isso, tais expressões de gênero vêm sendo frequentemente classificadas como patológicas, porque racham essa linearidade heteronormativa e cissexual (BENTO e PELÚCIO, 2012).

Segundo, considerar que as normas sociais não 'escolhem' sujeitos, que elas se impõem a todas e todos, mesmo àquelas e àqueles que estão às suas margens. Todos e todas estão sujeitos a adotar irrefletidamente preconceitos nas relações sociais estabelecidas a partir dos gêneros, aderindo a 'padrões machistas'. Portanto,

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



como aponta Miskolci (2012), dissolve-se o paradoxo aparente de “mulheres machistas” e “gays homofóbicos”, visto que todos e todas estão inseridos/as no mesmo sistema, são moldadas/os por ele e nele pautam suas relações. Sendo assim, não só o machismo é um preconceito praticado por homens e mulheres, quanto ambos estão sujeitos a esse mesmo preconceito: sexismo e machismo submetem todas e todos à heteronormatividade, construída e mantida na afirmação de uma relação causal entre sexo, gênero e desejo e na ideia de que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo (BUTLER, 2003).

Retomando a narrativa de Catarina, quero ressaltar uma importante discussão realizada nas aulas: o humor como instância de produção e perpetuação do machismo e da misoginia. A estudante ressaltou:

“Piadinha como “mulher no volante, perigo constante”, homem se negando a entrar em ônibus coletivo porque é uma mulher quem está dirigindo, entre outros, são acontecimentos frequentes. Meses atrás um apresentador de TV e comediante fez uma piada, em uma de suas apresentações, onde dizia que “as mulheres feias tem que agradecer se forem estupradas”. Piada totalmente machista, de baixo nível, chegou até a ser comentada na mídia, mas logo foi esquecido” (Catarina – 2º/2011).

Sobre o episódio narrado pela estudante, a revista RollingStone, na reportagem intitulada “A graça de um herege²”, registra o episódio em que o humorista Rafinha Bastos profere a fatídica piada: “Toda mulher que eu vejo na rua reclamando que foi estuprada é feia pra caralho. [...] Tá reclamando do quê? Deveria dar graças a Deus. Isso pra você não foi um crime, e sim uma oportunidade”. [...] Homem que fez isso não merece cadeia, merece um abraço”. O assunto sobre a piada infeliz do humorista foi trazido à aula a partir do documentário³ “O riso dos

² Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/educacao/56/a-graca-de-um-herage>. Acesso: 15 fev. 2014.

³ Sobre o documentário, ver entrevista com o diretor na revista Trip. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/so-no-site/entrevistas/ta-rindo-de-que.html>. Acesso: 15 fev. 2014.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



outros⁴, que discute o universo do *Stand Up Comedy*, os limites do humor e as fronteiras entre comédia e ofensa. Dentre as temáticas em debate nesse documentário, que traz humoristas, escritores, ativistas e outras personalidades brasileiras e argentinas, o tema do machismo aparece com força e o episódio é problematizado como parte da ‘cultura do estupro’, que subjuga as mulheres e submete seus corpos aos ditames masculinos. Os comentários dos/as entrevistados/as, em geral, apontam para a piada como artefato que não apenas representaria o senso comum em relação às mulheres, aos relacionamentos amorosos e sexuais, ao seu corpo, mas reforçariam estereótipos. A discussão sobre os limites do humor em relação à ‘liberdade de expressão’ são candentes em uma sociedade como a nossa, na qual o ‘riso’ também pode se associar ao discurso de ódio e à violência contra determinados grupos sociais. Segundo Miguel (2013), o episódio que cerca a polêmica em torno da ‘piada’ do ‘humorista’ Rafinha Bastos pode ser lido pelo argumento do “salvo-conduto para o humor”, ou seja, a defesa do humor como sendo necessariamente inócuo e incapaz de propagar o ódio e a violência. Essa leitura se coaduna com a ideia de que muitas pessoas consideram engraçada uma piada sobre estupro, mobilizando dois elementos ‘familiares’. Primeiro, a percepção de que a mulher só existe para o homem e que, portanto não receber a atenção masculina equivaleria à morte para a mulher. Assim, a atenção na forma de violência é considerada um avanço. Segundo, o que torna a mulher merecedora da atenção masculina é a adequação aos padrões estéticos vigentes. Portanto, sendo considerada ‘feia’, não receberia atenção, logo a atenção recebida na forma de uma agressão sexual deveria ser vista como “uma caridade do estuprador” (MIGUEL, 2013).

Em relação ao estupro, discutimos nas aulas que ele se insere em uma cultura de constrangimento aos sujeitos para se adequarem às normas de gênero, incentivando e autorizando a violência sexual contra mulheres como modo de intimidação e subjugação do corpo feminino. Sobretudo, o estupro é uma

⁴ Direção: Pedro Arantes. 2012. Documentário. 51 minutos (aprox.). Disponível no Youtube: http://www.youtube.com/watch?v=uVyKY_qgd54. Acesso: 15 fev. 2014.

Realização:

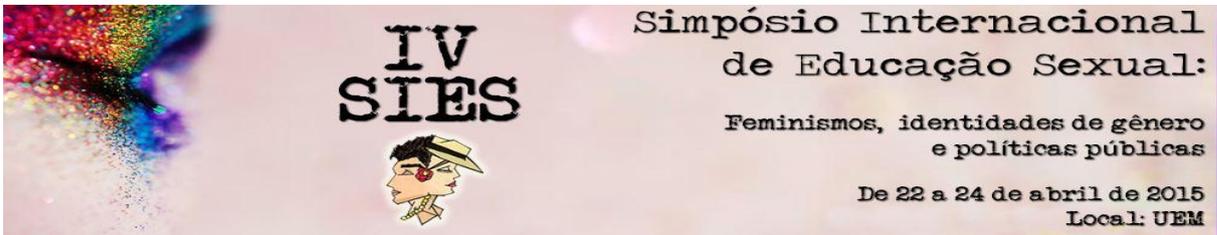
Apoio:



Patrocínio:



PlayBook



manifestação cruel da violência machista, que limita e impede que a mulher faça suas próprias escolhas, que tome decisões sobre seu corpo e sua sexualidade e ocupe o espaço público. No caso, não se trata de 'relação sexual' ou 'desejo', muito menos de relação de poder. Lembrando Foucault (2010), as relações de violência não são relações de poder. O poder se exerce entre sujeitos "livres", capazes de resistir, mesmo que minimamente. A violência é uma relação em que as determinações estão saturadas, fechando todas as possibilidades de ação. Porém, podemos discutir que o estupro, enquanto ato violento, deriva de relações de poder em plena atividade, produzindo ações que os sujeitos exercem sobre as ações dos outros. Considerando o estupro como um tipo de violência que não tem caráter excepcional, mas sim corriqueiro, ele envolve, em muitos casos, o silenciamento por parte das mulheres vitimadas e por parte da sociedade em geral, como as mídias de massa, por exemplo. "O silêncio parece ser o estigma dos estupros e sua dupla violência, como tem sido apontado: ao abuso físico soma-se a culpabilização da vítima, fazendo com que estas prefiram, elas também, o silêncio que protege os estupradores (RIAL, 2007, p. 145). Desse modo, a 'polêmica' em torno da 'piada' de que 'mulher feia tem que agradecer ao estuprador porque, pelo menos assim, ela faz sexo', se justifica pelo reconhecimento, em especial pelos setores da sociedade preocupados com a garantia dos direitos fundamentais, como os movimentos feministas, de que as piadas e outros elementos discursivos colaboram para reforçar a ideia de que toda a mulher deseja a atenção masculina, a qualquer preço, e que suas negativas são *pro forma*, podendo ser desconsideradas (MIGUEL, 2013).

A categoria "violência contra a mulher" abriga um repertório de práticas diversas em intensidade e extensão, agrupando fenômenos e situações tão diversas quanto abusos verbais, físicos e emocionais, agressões e torturas, assédios e abuso sexual, estupro, privação de liberdade, escravidão sexual, imposição da heterossexualidade, da maternidade, mutilação, assassinatos, enfim, manifestações que vão dos crimes aos atos mais sutis e dissimulados, que se realizam por meio de chantagens, emoções e constrangimentos (BANDEIRA, 2009: PARENTE,

Realização:



Apoio:



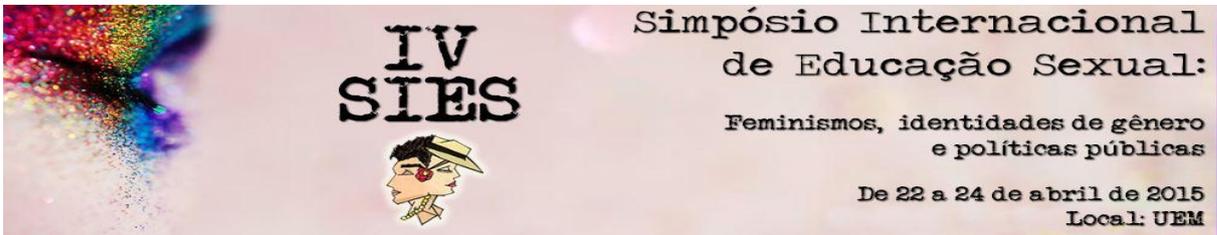
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



NASCIMENTO e VIEIRA, 2009). O estupro e a violência contra mulher, como temas em discussão nas aulas, foi narrado por algumas estudantes:

“Estupro na UFJF... “A menina estava bêbada!” – “A menina era safada!” – “A menina estava com roupas curtas!” – “Deu mole!” – “Ela deve ter gostado! Teve sorte!” – “Festa na Federal é assim!”... Nesses últimos dias fui obrigada a escutar tudo isso. O assunto foi comentado pelos alunos, pela imprensa, etc. Só que o problema (um dos maiores) é que a maioria das pessoas disse que a menina (vítima) foi culpada. Isso é um absurdo! Ninguém quer ser estuprada, ser invadida. O corpo ainda é uma preciosidade, independente de quem seja o dono. Acredito que a sociedade enfatiza muito o termo “Cuidado! Não seja estuprada”, ao invés de “Não estupe!”. Tudo isso que eu falei cai muito naquelas outras discussões que eu já tinha enfatizado: “O homem pode tudo”... “A mulher é um sexo inferior!”... Afff...” (Thabata – 1º/2012).

“Vivemos em uma sociedade onde vemos as mulheres a todo momento serem inferiorizadas e feitas de objeto, terem seus corpos mercantizados pelas indústrias em propagandas machistas e serem julgadas como incapazes de realizar determinadas tarefas e dotadas para realizar outras. A naturalização do machismo influencia o modo de pensar de todos nós, que culmina em práticas machistas que se repetem diariamente. Entendo que o caso de estupro na festa do IAD, na UFJF, é reflexo não de um caso individual, mas de um problema que está cada vez mais recorrente na sociedade – o tratamento das mulheres como objeto. O machismo enquanto ideologia busca responsabilizar as mulheres, e não o próprio sistema que as vitimiza, pela violência que sofrem cotidianamente. Mulheres estupradas são questionadas sobre as roupas que estavam vestindo. Mulheres agredidas são questionadas por “darem motivo”. Basta de violência!” (Pietra – 1º/2012).

“O homem pode tudo... A mulher é um sexo inferior”. Thabata conclui sua narrativa questionando os distintos privilégios e posições de poder ocupados por homens e mulheres, usados para justificar as violências praticadas contra as mulheres. A mensagem “Cuidado, não seja estuprada” é o lema que organiza as relações sociais e se impõe como mensagem educativa para todas as mulheres: não importa em que situação, circunstância ou contexto, você pode sofrer violência sexual. A motivação para a escrita de Thabata e Pietra é um caso de estupro ocorrido em 2012 na Universidade Federal de Juiz de Fora. Os comentários ouvidos

Realização:



Apoio:



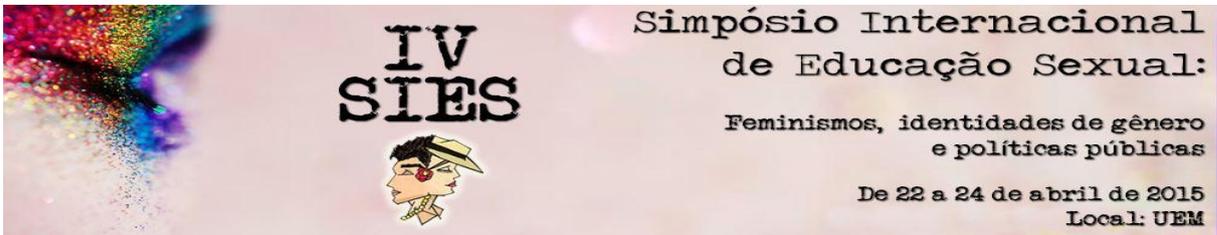
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



por Thabata concentraram-se em buscar justificativas para o ocorrido a partir da culpabilização da jovem que foi vítima do estupro. O mal-estar e os incômodos gerados pela violência não foram consenso, como podemos depreender dos comentários. Sobre isso escreve Pietra: “*A naturalização do machismo influencia o modo de pensar de todos nós, que culmina em práticas machistas que se repetem diariamente.*”.

Uma recente pesquisa do IPEA⁵ (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), divulgada em 27 de março de 2014, parece mostrar que a culpabilização da mulher pela violência sofrida é somente mais uma das tantas ‘opiniões’ que circulam nas relações sociais quando se trata da tolerância em relação à violência contra as mulheres. Como argumenta Pichonelli (2014), frases como “*Se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupro*”, “*Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas*” e “*Em briga de marido e mulher não se mete a colher*” são comuns, aceitas parcial ou totalmente por grande parte da sociedade brasileira.

Sem adentrar nos méritos sobre os modos como essa pesquisa foi conduzida, chama a atenção a ideia comum de que as mulheres devem se comportar ‘de maneira adequada’ a fim de evitar violências. Se a violência ocorre é porque o comportamento da mulher não foi adequado – por exemplo, usando roupas que mostram o corpo, indo sozinha a lugares de divertimento ou consumindo bebida alcoólica. Existe também a ideia de que os homens não conseguiriam controlar seu ‘apetite sexual’, portanto as mulheres deveriam saber se comportar para não provocar o estupro. São muitos os motivos para culpabilizar a mulher pela violência sexual sofrida, provocando o entendimento de que ela mereceria ser estuprada para aprender a se comportar adequadamente (PICHONELLI, 2014). Chama a atenção também a compreensão de que as relações entre homens e mulheres no interior do ambiente doméstico não devem ser problematizadas, o que parece produzir a ideia de que as violências sofridas pela mulher nesse ambiente não devem ser

⁵ Conforme Pichonelli (2014), disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/para-o-brasileiro-se-a-mulher-soubesse-se-comportar-haveria-menos-estupros-2334.html>>. Acesso: 16 set. 2014.

Realização:



Apoio:



Patrocínio:



PlayBook



verbalizadas, devem ser 'resolvidas' no próprio ambiente doméstico, e às vezes nem mesmo tratadas como crime. Embora os números não mostrem consenso, são indicativos de como a convivência com as violências sexuais é, frequentemente, naturalizada.

O contexto de uma sociedade que permite que essas violências sejam praticadas sem causar tanto constrangimento, como argumenta a militante feminista do documentário "O riso dos outros", é construído com base na naturalização da superioridade masculina, na limitação das possibilidades de vivências no âmbito público pelas mulheres e na responsabilização delas pelas violências sofridas. Como argumenta Bandeira (2009), as mulheres vêm sendo posicionadas na condição de um cenário dessimétrico e tradicional, "com ausência de direitos individuais e subjetivos, restritas e inferiorizadas nos espaços e sistemas legais, assim como nas discursividades sociais" (p. 411). O estupro, nesse caso, funcionaria como espécie de "corretivo" para as mulheres consideradas desviantes, especialmente por estar ocupando o âmbito público.

A mesma cultura que se impõe sobre as mulheres, vulnerabilizando-as, é também aquela que subjuga os homens que fogem à regra do estereótipo viril, forte, agressivo, impositivo de masculinidade. Os modos pelos quais os meninos e homens são educados naturalizam a agressividade, a impulsividade e a competitividade, ao passo que às meninas e mulheres reserva-se uma educação para a aceitação, submissão e passividade. Problematizar essa construção cultural e esses modos de subjetivação foi tarefa da disciplina TEGSE, buscando mudar o foco das estudantes sobre o tema. Passar do "*Cuidado, não seja estuprada!*" para o "*Não estupe!*" implica repensar os processos educativos, as pedagogias de gênero e sexualidade, incorporando os slogans feministas: "**A nossa luta é todo dia, somos mulheres e não mercadoria! A nossa luta é por respeito, mulher não é só bunda e peito!**". Uma experiência de formação que incorpore esses repertórios de luta, que problematize modos de pensar das estudantes sobre si mesmas, os outros, as práticas pedagógicas. Tarefa árdua e permanente.

REALIZAÇÃO:



APOIO:

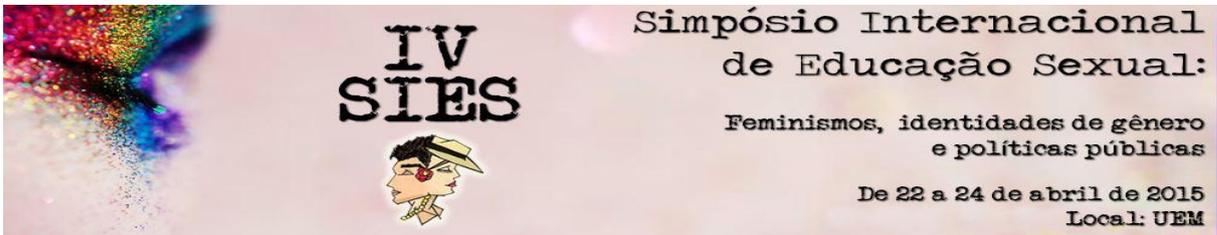


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lourdes. Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 401-438, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v24n2/04.pdf>>. Acesso: 20 fev. 2014.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larrisa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v20n2/v20n2a17.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Roney Polato de. **Experiência e constituição de sujeitos docentes**: relações de gênero, sexualidades e formação em Pedagogia. Tese (Doutorado – Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

FELIPE, Jane. Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, n. 3, p. 251-263, 2006. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/ct/tecnologiasociedade/index.php/000/article/view/47/51>>. Acesso: 15 fev. 2014.

FOUCAULT, Michel. Cómo nace un libro-experiencia. In: FOUCAULT, M. **El yo minimalista e otras conversaciones**. Buenos Aires: La marca Editora, 2009. p. 09-17.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel **Foucault – uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 273-295.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pró-posições**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso: 20 jan. 2012.

MIGUEL, Luís Felipe. Discursos sexistas no humorismo e na publicidade. A expressão pública, seus limites e os limites dos limites. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 41, p. 95-119, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n41/10.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2014.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP, 2012.

PARENTE, Eriza de Oliveira; NASCIMENTO, Rosana Oliveira do; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza. Enfrentamento da violência doméstica por um grupo de mulheres após a denúncia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 445-465, maio/ago 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/08.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2014.

PICHONELLI, Matheus. “Se a mulher se comportasse, haveria menos estupros”. **Carta Capital**, 27/03/2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/para-o-brasileiro-se-a-mulher-soubesse-se-comportar-haveria-menos-estupros-2334.html>>. Acesso: 16 set. 2014.

RIAL, Carmen. Guerra de imagens e imagens da guerra: estupro e sacrifício na Guerra do Iraque. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 131-151, jan./abr 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a09v15n1.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2014.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

ABSTRACT

This text is based on information obtained in a doctoral research focused on crossings of experience in training in Pedagogy from a discipline that discusses gender and sexualities. This article presents some of the ways in discussions on gender relations cross discipline, questioning the narratives written by the students in their logbooks about themes related to sexism, machismo and violence against women. The writings, produced from classes, narrate the meanings constructed by the students from the debate involving images, phrases, jokes and videos that bring situations of prejudice and violence against women. The basis of the analysis dialogues with contemporary gender studies, from a constructionist perspective. Intends to argue that formation in Pedagogy can produce sensitive and attentive teachers for relations of gender and sexualities, taking the disciplines discussing these themes as ethical-aesthetic-political spaces of constitution of subjects.

Keywords: Relations of Gender; Prejudice; Teacher Formation; Pedagogy.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:

